



As hortas urbanas estão a crescer nos bairros e prédios das cidades, valorizando os imóveis, reduzindo as cadeias de abastecimento e sequestrando o carbono, num movimento sustentável, com cada vez mais adesão e que já é incluído pela arquitetura no desenho de novos prédios de habitação FOTOS D.R.

O campo está a entrar nas cidades, com verduras e frutos, colhidos em hortas, que aproveitam o vazio urbano e valorizam os ativos imobiliários

AMADEU ARAÚJO

As hortas urbanas estão a colorir o cinzento do betão, melhorando paisagem e criando um novo padrão de hábitos de consumo e alimentação. Ir à horta, em plena cidade, apanhar hortaliças, deixou de ser quimera rural e é cada vez mais uma realidade.

A paisagem urbana de Avintes, em Vila Nova de Gaia, é um desses exemplos. “Tínhamos um terreno, propriedade da Misericórdia, que estava abandonado e onde hoje surgem já vistosas hortaliças”, conta Cipriano Castro, presidente da junta de freguesia local. As Hortas Urbanas de Avintes “produzem hortícolas para

consumo próprio, aproveitando um terreno que estava sem utilidade, numa zona de prédios”, adianta o autarca. O projeto surge integrado na Rede Municipal de Hortas Urbanas do Concelho de Vila Nova de Gaia, com a câmara municipal a ceder técnicos e equipamentos. Um talhão com 50 m², custa €30 por mês, valor que cresce €5 a cada 10 m². E todos os 18 talhões de Avintes estão preenchidos, fomentando “oportunidade de as famílias manterem úteis os espaços vazios e que apenas exigem bom planeamento”, conclui o autarca.

Além dos terrenos vazios a ideia de hortas e jardins já se estende aos novos projetos imobiliários. O projeto Miramar Tower, apresentado há poucos dias e que está em início de construção na Foz do Porto, tem um volume vertical com 15 pisos. A torre prevê “200 metros quadrados de varanda por piso”, explica João Magalhães, administrador da Predibisa, que está a construir o projeto do ateliê Ooda. Pisos organizados com uma ou duas habitações, em que cada uma delas “é dotada de jardim próprio”, revela João Jesus, arquiteto da Ooda. Logo no piso térreo é feita a “continuidade com o solo vegetal e natural, com um microclima com biodiversidade presente na vegetalização desejada”, sublinha o arquiteto.

As hortas são um exemplo de requalificação urbana, geradora de valor e economia

Também em Lisboa, na zona de Chelas, está situada a maior horta urbana do país, que recuperou uma zona degradada. São 4,5 hectares para hortaliças, dividida em 300 talhões para cultivo, cada um com 160 m².

Luís Mendes, investigador de geografia da Universidade de Lisboa, lembra que as “hortas urbanas, comunitárias ou privadas, correspondem a vazios das cidades que são apropriados e convertidos pelas populações para o cultivo de verduras, hortaliças, legumes, frutas, ervas aromáticas ou plantas medicinais, em pequena escala”. O investigador adianta que a intenção “não é orientada pelo lucro, antes pelo lazer e recreio, evasão do quotidiano, aproveitamento do tempo de não-trabalho para contacto com o meio natural e cidadania ambiental”. Luís Mendes reconhece que estes terrenos baldios “são espaços de grande apetência mercantil e alvo de especulação imobiliária”, podendo, “ao ficarem cativos, inflacionar os preços em contexto de forte procura e pressão urbana, como é o caso das cidades”. Porém, contrapõe, são estruturas “valorizadores de uma paisagem urbana crescentemente multifuncional, mobilizando espaços vazios e devolutos para um uso alternativo,

dando continuidade e coesão ao tecido urbano”. E defende as “vantagens” que decorrem do aproveitamento destes terrenos. Ou seja, a “defesa da agenda das cidades sustentáveis, com impactos positivos para o ambiente urbano na qualidade do ar, do sequestro de carbono no sentido da neutralidade carbónica, da permeabilidade e infiltração das águas das chuvas no solo e subsolo”. Acrescenta ainda “valor estratégico social, económico e ambiental para o bairro e a comunidade”. O investigador defende que estas hortas se transformem “em projetos de ecologia, revalorizando o papel do ambiente na condição urbana” tornando-as “fundamentais para o crescimento e desenvolvimento sustentável da cidade”.



NOVAS DINÂMICAS

José Martino, consultor agrícola e administrador da Espaço Visual, reconhece que as hortas urbanas “valorizam as cidades, as urbanizações e os próprios imóveis” dando como exemplos as cidades de Guimarães, Lisboa ou Póvoa de Varzim. E induzem “dinâmicas novas, como os pequenos mercados que estão a surgir, e de que Gondomar é exemplo, com cadeias curtas de comercialização”. Vantagens que já se estendem aos armazéns abandonados e à agricultura em altura, que começa a surgir “nos prédios de apartamentos de varandas largas”, com recurso à hidroponia. “São condições únicas de produção agrícola, adaptáveis às cidades e que permitem aproveitar muitos armazéns e fábricas urbanas, edificado devoluto e que reúne

condições para uma agricultura com iluminação, temperatura e humidade controladas”. Este especialista salienta que as hortas, “dispersas no meio urbano, aproximam a oferta da procura, reduzem o número de intermediários e favorecem a poupança ao nível do transporte, logística e armazenagem, bem como no consumo de energia e recursos, encurtando a cadeia de abastecimento e distribuição dos produtos”.

O crescimento e desenvolvimento sustentável da cidade fica a ganhar com uma política de hortas urbanas

Luís Mendes assume que “o aproveitamento destes terrenos como espaços formais ou informais de hortas urbanas torna as cidades resilientes”. E o planeamento urbano “tem uma ação decisiva para agilizar o contributo das hortas urbanas”. Defende “a tomada de posse administrativa, do direito de preferência, da concessão do usucapião ou, em última instância, da expropriação dos terrenos efetivamente abandonados pelos proprietários”. E reclama ainda estas áreas como exemplo de “requalificação urbana, geradora de valor e economia”.

Ideia partilhada por José Martino que propõe “melhor integração das hortas, dando lugar a espaços de carácter urbano, embora com características que ainda estão associadas ao ambiente rural”. E com isso “reduzindo a pegada ecológica, conceito que devemos ter em conta no planeamento urbano das cidades, promovendo o sentido de comunidade”, conclui Martino.